

Resenhas

MÉTIS: história & cultura

Lembrar escrever esquecer

GAGNEBIN, Jeane Marie. *Lembrar escrever esquecer*.
São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.

Carina Santos de Almeida*

Jeanne Marie Gagnebin é suíça, professora de filosofia e teoria literária no Brasil, doutora em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e pesquisadora de escritos de Walter Benjamin. *Lembrar escrever esquecer* foi publicado em 2006 e apresenta 14 ensaios elaborados para colóquios, congressos e encontros. O livro demonstra a preocupação com a memória, sua funcionalidade, suas formas de expressão – oral e escrita –, os vínculos com o passado, o mito e a narrativa, o esquecimento, sobretudo a memória e seus usos como reflexo do pensamento do seu tempo, seja na leitura dos escritos da Antiguidade clássica, desde Homero, seja na hermenêutica de Ricoeur.

A preocupação de muitos intelectuais contemporâneos com a *memória* e a *história* tem sido um dos mais profícuos temas abordados sobre o tempo presente e seus vínculos com o passado. Porém, essa discussão no livro *Lembrar escrever esquecer* vem com o intuito de mostrar o apelo do presente, a vida no presente e, sobretudo, o esquecimento tão natural ao homem, da mesma forma que a necessidade do pensamento humano em saber esquecer.

Para Gagnebin, o movimento de *lembrar* e *escrever*, concebido também como oralidade e escrita, perpetua o vivo através da codificação e fixação e caracteriza-se pela passagem da plasticidade à rigidez. A autora, a partir da inspiração Benjaminiana, afirma que é necessário rememorar o passado que pode estar sufocado e inaudível. Contudo, o *escrever* não

* Graduada em História e Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Catarina (Unisc). E-mail: Carina_almaid@yahoo.com.br.

garante a imortalidade e nem a conservação do passado, é preciso também *esquecer*, visto que o processo de esquecimento faz parte da História da humanidade. Nesse sentido, a construção da memória dos homens eleva-se entre dois pólos: o da *transmissão oral viva* e o da *conservação pela escrita*, sendo a primeira frágil, e a segunda mais duradoura, mas as duas são reflexos da ausência.

O primeiro dentre os ensaios do livro chama-se *A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da Odisséia*. Diferentemente dos intérpretes da errância de Ulisses, a autora se permite pensar a partir de uma leitura antropológica e mais histórica, e, assim, mais francesa. A grande tentação que perpassa a *Odisséia* é o esquecimento, um esquecimento que é oferecido pelos Lotófagos através do eterno presente. Jeanne Marie percebe que a definição plural de cultura na leitura de *Odisséia* é “a capacidade de entrar em relação com o outro sob suas diversas formas”. (p. 21). A cultura está presente no pensamento e nas ações de Ulisses, seja tanto pela expectativa de presentes quanto pela comunicação por excelência, ações muito prezadas pelos gregos ao contatarem com os ditos *philoxeinoi* (*philos*: amigo; *xenos*: estrangeiro).

Gagnebin aponta para a nossa necessidade de, enquanto herdeiros de vontade do esclarecimento e da emancipação do homem, perceber as diversas potencialidades da razão e da fantasia humana na construção de resistências contra a dominação e contra a ignorância em *Homero e a Dialética do Esclarecimento*. Então, inspirada nesse livro de Adorno e Horkheimer, afirma que esses pensadores percorreram a reconstrução da história da razão na releitura peculiar da *Odisséia*, que se constituiu numa alegoria primeira da constituição do sujeito.

Eis que aparece uma dupla indagação em *A Verdade e Memória do Passado* “por que hoje falamos tanto em memória, em conservação, em resgate? E por que dizemos que a tarefa dos historiadores consiste em estabelecer a verdade do passado?” (p. 39). Nesse sentido, a “relação entre presente e passado também é profundamente histórica” (p. 39), e faz com que “os debates mais estimulantes da história contemporânea sejam também discussões historiográficas”. (p. 41). A filósofa inspirada em Vidal-Naquet afirma que os historiadores vivem no relativo, podem dizer tudo e não podem ter a pretensão de uma verdade indiscutível e exaustiva. Assim, a partir das contribuições de Paul Ricoeur, ficou evidente que a História é sempre narrativa e processo real. É bem verdade que a memória, a escrita e a morte são inseparáveis. Por fim, é

imprescindível estar consciente da *fragilidade essencial do rastro*, assim como da *fragilidade essencial da memória* e da *fragilidade essencial da escrita*.

No que se refere à obra *Memória, história, testemunho*, Gagnebin, baseada em Walter Benjamin, expõe que uma questão essencial nas literaturas moderna e contemporânea, nas discussões históricas e historiográficas, assim como na reflexão filosófica atual, é o fim da narrativa tradicional ou das grandes narrativas. De Benjamin a autora absorve a noção de experiência, onde repousa a tradição compartilhada através da transmissão e da transmissibilidade humana, que apresenta uma perda da experiência, um desaparecimento das formas tradicionais de narrativa e de narração, ou seja, o fim da narração tradicional. Assim, “*O Narrador*”, de Benjamin, seria o trapeiro, o catador de sucata e lixo, quem recolhe cacos, restos, detritos e que não deixa nada se perder em meio à pobreza das grandes cidades modernas.

A partir do sentido benjaminiano, refletir sobre “*Após Auschwitz*” representa uma crítica da autora a respeito da necessária condição de rememoração ou mesmo incitar o presente, onde a memória ativa transforma esse presente. Nesse sentido, a filósofa se fundamentou na polêmica afirmação de Adorno “*escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro*” para pensar a memória, o lembrar, o escrever e o esquecer. Dessa forma, Gagnebin parte da interrogação em torno dos conceitos-chave da *Dialética do esclarecimento*: o de *mito* e *mimesis* e afirma a existência de uma oscilação na determinação de mito e mitologia, onde o esclarecimento, ou a racionalidade iluminista, e o mito, ou a racionalidade mítica, se negam e, ao mesmo tempo, se pertencem mutuamente.

Em *Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno*, a autora pondera sobre as discussões existentes entre ética e estética, conceitos oriundos da tradição filosófica clássica, da mesma forma como procura livrar esses conceitos dos seus componentes de dominação e de destruição, que foram atribuídos pela experiência da Segunda Guerra. As reflexões de Gagnebin se inspiram não somente em Benjamin, mas também em Adorno, e é nesse sentido que justifica que toda a filosofia posterior a Adorno procura responder a uma única questão: como pode o pensamento filosófico ajudar a evitar que Auschwitz se repita? Assim, a ética e a estética de Adorno refletem-se sobre três conceitos-chave: *mimesis*, *autonomia* e *resistência*.

Na reflexão sobre *O que significa elaborar o passado?*, a filósofa Gagnebin afirma que é por não estarmos mais inseridos numa tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva que acabamos por inventar formas de conservação e de lembrança; assim, a atualidade apresenta uma grande preocupação com a questão da memória, desmemória, resgate e tradições. O dever da memória se impôs entre os pensadores, intelectuais e, sobretudo, historiadores a partir de Auschwitz, o símbolo da Shoah, “emblema daquilo que *não pode, não deve ser esquecido*: daquilo que se impõe um ‘dever de memória’”. (p. 98).

A memória apresenta formas e transformações, mudanças de função, meio e modo de armazenamento. Assim, de *Mnemosyne* à tecla *save* do computador, devemos matizar nossas posições entre memória coletiva e memória individual, entre memória e história e entre memória e esquecimento. No capítulo *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória* apresenta-se a *metáfora-fundadora* da nossa concepção de memória e de lembrança: a *escrita*. A dominância da escrita está relacionada com o fluxo narrativo de nossas histórias, nossas memórias, nossa tradição e nossa identidade.

A problemática da herança e dos herdeiros, assim como o mal-estar da modernidade, que segundo Benjamin é imposto pela produção capitalista, está claramente exposta em *Escrituras do corpo*. Aqui, Gagnebin realiza uma releitura da narrativa extensa *Na colônia penal*, de Franz Kafka. Essa novela apresenta a máquina, a lei local, o estrangeiro, os usos e costumes de outra nação; a leitura da autora aponta para uma compreensão teológica por meio da qual através de temas como culpa, justiça e redenção, Kafka representaria uma visão secularizada do processo de justiça divina.

O episódio da *Madeleine*, extraído de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, apresenta-se para a autora como uma “das chaves da estética proustiana”. (p. 145). Esse capítulo chamado *O rumor das distâncias atravessadas* demonstra que, no fundo, Proust procurou lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita, porém, existiam dois desafios: o poder da morte e a força da resistência ao lembrar involuntário.

Nos capítulos *Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur* e *Os prelúdios de Paul Ricoeur*, Gagnebin se debruça na temática da importância excêntrica e exemplar daquele filósofo na contemporaneidade, que além de ter dialogado com inúmeros pensadores, desmitificou as pretensões teóricas totalizantes e apresentou uma interpretação *reduzora*. Ricoeur pesquisou as transformações que os homens podiam instaurar de si e do

mundo a partir do caráter *lingüístico* e a possibilidade de análise dos signos e das obras no mundo. O filósofo ainda dedicou-se a escrever sobre a questão da memória, da história e do esquecimento, e seu último livro, *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000), mostrou a ligação entre a vida e a memória, porém Gagnebin afirma que a força do pensamento de Ricoeur se deteve no *presente*.

Para mencionar a problemática do sujeito e da subjetividade na filosofia, a autora escolheu alguns diálogos de Platão. Assim, “*Platão, creio, estava doente*”, refere-se ao lembrar, testemunhar, escrever de Platão, que tinha uma postura de poeta épico (Homero). A escrita platônica apresentou os ensinamentos do mestre morto, e as palavras póstumas transmitiram lembranças de um período para a posteridade: a rememoração de Sócrates. Assim, o último capítulo *As formas literárias da filosofia* não poderia deixar de falar sobre as relações recíprocas entre literatura e filosofia e filosofia e literatura. São comuns as abordagens que buscam analisar a presença de teorias ou de doutrinas filosóficas em obras de escritores e poetas, nas quais podem ocorrer erros nas análises, vindo a transformar as mencionadas doutrinas e trabalhos teóricos em imagens caricaturais. Porém, é nesse contexto de sentido e absorção do real, que a filosofia e a literatura, apesar de suas diferenças, se encontram.

Nesse livro significativo, os pontos mais instigantes não são os inúmeros exemplos poéticos, literários, históricos ou mesmo filosóficos dispensados pela autora, mas a argumentação teórica sobre o tema central: a ação de lembrar, escrever e esquecer da humanidade. Gagnebin procurou expor aos leitores a importância da filosofia, dos pensadores (pós)modernos, das experiências, dos traumas, dos rastros, das histórias e memórias para (re)pensar o presente, seja a partir da própria Filosofia, seja a partir da História.

Resenha recebida em agosto de 2007. Aprovada em dezembro de 2007.